

Capitalizar os juros

23 JUL 1985

por José Casado
de São Paulo

O presidente José Sarney já definiu uma estratégia para a renegociação da dívida externa, segundo o governador paulista, André Franco Montoro. "O Brasil vai limitar o pagamento dos juros e capitalizar o restante", disse o governador, ontem, a este jornal.

Montoro não especificou qual o limite de pagamento dos juros: "Pretende-se ficar ao redor dos US\$ 8 bilhões ao ano", informou. Essa seria a opção feita pelo presidente, de acordo com o governador, desde a reunião com os líderes estaduais, na semana passada, em Brasília. "O presidente Sarney e o ministro João Sayad estão de acordo com isso", completou.

Por duas vezes, na tarde de ontem, o governador conversou com o presidente, pelo telefone. "Sarney está contente. A reunião dos governadores na semana passada deu força ao governo e ele agora se sente

com disposição total para ir à frente", comentou.

Por esse motivo, Montoro convidou políticos e líderes empresariais para assistir ao pronunciamento do presidente da República, pela televisão, à noite, na ala residencial do Palácio dos Bandeirantes. Tanto ele quanto seus convidados ficaram satisfeitos. "Estamos unindo no necessário", observou o governador.

Foi um discurso muito importante, na avaliação dos empresários. "Ainda não é exatamente o programa de governo que eu esperava para a área econômica, com medidas de médio e de longo prazos, mas é um bom começo", disse Abílio dos Santos Diniz, diretor-superintendente do grupo Pão de Açúcar. O fato de o presidente dizer, em público, que a meta governamental é de sustentação de um crescimento mínimo de 5% do Produto Interno Bruto (PIB) ao ano foi por ele considerado "fundamental e extremamente relevante".



Abílio Diniz

Há uma linha de ação coerente na política econômica, notou o secretário José Serra, do Planejamento.

Não se poderia exigir mais do presidente, porque se completaram ontem exatos noventa dias de sua posse efetiva no governo, acrescentou Eugênio Emílio Staub, presidente do grupo Gradiente. "Tancredo Neves morreu há três meses, e foi aí que, efetivamente, começou o governo José Sarney; temos de dar um crédito."

Podem-se identificar, pelo discurso presidencial, objetivos claros de uma política econômica baseada no crescimento, na derubada da inflação e na eleição do setor privado como "carro-chefe" do processo econômico daqui por diante, completou Paulo Francini, presidente da

Coldex Frigor e vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).

Com o recuo da inflação — o mais perverso dos impostos —, as taxas de juros sem dúvida deverão cair, prevê José Carlos Moraes Abreu, presidente do conglomerado financeiro Itaú, em conversa com a repórter Maria Angela Jabur.

O tom do presidente, de firmeza na condução das negociações externas, "deve ser aplaudido", entende Luiz Carlos Bresser Pereira, secretário de Governo de São Paulo.

Aos banqueiros externos, como disse Joel Korn, vice-presidente do Bank of America, essa tônica governamental não chegou a assustar: "Nem o Fundo Monetário Internacional (FMI) nem os bancos credores pensam em interferir na soberania do Brasil".

F
e
l
e
r
a
p
t
s